



A Mesa da Câmara com Sarney: sentimentalismo.

Delfim, Passarinho: o bloco do centro?

OS BLOCOS

Os partidos de centro se unem para ação conjunta

Líderes de seis partidos com assento na Assembleia Nacional Constituinte se reuniram ontem de manhã, na sala da comissão de Relações Exteriores da Câmara, depois de distribuírem nota de apoio "à democracia e ao poder civil" e de repúdio a "pressões decorrentes da própria crise de confiança nos poderes constituídos".

O líder do PDS, Amaral Neto, negou que o encontro representasse a primeira reunião das forças do chamado "centro democrático" da Câmara e do Senado: "Não é bloco nem grupo. Seis partidos se reuniram para externar sua preocupação com a situação nacional."

Quando lhe perguntaram se se tratava de aglutinação da direita, disse que não existe reunião da direita. "Agora, se ser contra a esquerda é ser de direita, eu sou. A maioria dos que estavam lá não é de direita." E terminou indagando: "Por que ser de direita é pejorativo e de esquerda não é?"

Já o líder do PFL, José Lourenço, admitiu que se tratou de "alinhamento das forças liberais, tomando posição para fortalecimento das instituições democráticas. Naturalmente isso terá desdobramento no que faremos na Assembleia Nacional Constituinte".

O Documento

A nota, assinada por líderes de partidos que contam com aproximadamente 200 cadeiras na Assembleia Nacional Constituinte, é a seguinte:

"Os líderes e dirigentes partidários que assinam a presente, em reunião realizada no dia 17 de fevereiro de 1987, decidiram reafirmar que a sua posição, acima de tudo, é de intransigente defesa do regime e dos princípios democráticos, da lei, da

ordem e da prevalência incontestável do poder civil. As lideranças políticas reafirmam sua solidariedade ao povo brasileiro e a sua angústia diante dos problemas que a todos atingem. O que nos anima é o propósito de colaborar para não permitir que, em hipótese alguma, a elaboração da Constituição possa ser prejudicada pelas conseqüentes e inevitáveis pressões decorrentes da própria crise de confiança nos poderes constituídos. Que a realidade econômica seja apresentada à Nação. E que as soluções, por mais severas que possam ser, se afirmem com uma plataforma de governo para debate, críticas e sugestões". Assinaram a nota o deputado Maurício Campos, senador Carlos Chiarelli e deputado José Lourenço, presidente e líderes do PFL; senador Jarbas Passarinho e deputado Amaral Neto, presidente e líder do PDS; deputado Jorge Coelho de Sá, presidente do PDC; deputado Álvaro Valle e Adolfo de Oliveira, presidente e líder do PL; deputado Arnaldo Faria de Sá, líder do PTB; e senador Antônio Farias (PE) presidente, líder e único parlamentar do PMB.

Discussão

A nota foi imediatamente criticada como "anódina", isto é, sem muita firmeza, pelo deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP). Para ele, "o que dificulta tudo é a ambigüidade". A seu lado, o presidente em exercício do PFL, Maurício Campos, replicava: "A nota diz tudo".

Mas depois de ler o comunicado, Cardoso Alves insistiu nas críticas: "Por que não se manifestou também contra o câncer, que é um mal terrível? Contra a falta de assistência às crianças defetuosas?" Para o deputado peemedebista "o que a nota devia dizer era que a Constituição se

encontra em vigor, que para reformá-la são necessários a reunião da Câmara e Senado em Congresso e maioria de dois terços dos votos, e que não existem os chamados atos constitucionais".

O líder do PDS, Amaral Neto, tentou desculpar-se: "A nota não é somente do PDS e sim de seis partidos, de várias tendências, inclusive o PFL, o segundo de sustentação do governo. É uma média de opinião."

Mais críticas

O ministro da Justiça, Paulo Brossard, também não gostou na nota. Depois de ler o documento, que lhe foi mostrado pelo senador Ruy Bacellar (PMDB-BA), o ministro comentou:

"Por quê? Para quê?" E acrescentou: "Já que eles reiteram solidariedade ao povo, não seria mais adequado saber se o povo está solidário com eles?"

O senador Bacellar revelou-se muito preocupado com a nota, pois segundo ele, sua divulgação "poderá dar a falsa impressão de que há um golpe em preparação". Perguntado sobre o porquê do apoio do PFL ao documento, coordenado pelo líder do PDS, Amaral Neto, o líder do PFL, José Lourenço, demonstrando irritação com a pergunta, respondeu: "O PFL assina qualquer nota de partidos democráticos".

Voltando à carga, o moderado Roberto Cardoso Alves disse ao líder do PL, Adolfo de Oliveira, um dos signatários, que "não é hora de desafiar o presidente Sarney, um aliado importante do centro".

Ouvindo a discussão, o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ), observou tranquilamente: "Perigosa é a emenda do Ruy Bacellar, estabelecendo eleições presidenciais 120 dias após a promulgação da nova Constituição".



Lyra e Brossard: animada conversa no plenário.

E logo a esquerda se alvoroça, formando seu bloco de resistência.

Como se previa, os chamados "progressistas" do PMDB, com o apoio do PCB, PT, PDT, PSB e PC do B, reagiram à iniciativa dos partidos de centro — que ontem realizaram sua primeira reunião — e já decidiram formar um outro grupo. Um dos primeiros itens da pauta dos parlamentares de esquerda é a defesa da soberania da Constituinte.

Ontem à tarde, articularam a formação do bloco progressista os constituintes Roberto Freire (PE) e Augusto Carvalho (DF), do PCB; Brandão Monteiro, do PDT; José Genoino e Plínio de Arruda Sampaio, do PT; Jamil Haddad, do PSB; Aldo Arantes (GO) e Eduardo Bonfim

(AL), do PC do B; e, ainda, Sigmari-na Seixas (DF), do PMDB, dos mais ligados ao deputado Fernando Lyra, ex-ministro da Justiça.

Na conversa surgiu uma questão extra-soberania da Constituinte: o PC do B, por intermédio de Aldo Arantes, defendeu a emenda estabelecendo que só poderia atuar como bancada partidária a legenda com pelo menos cinco representantes. Explica-se: o PC do B, que elegeu três deputados, ganhou na semana passada a adesão de outros dois — Aldo Arantes e Eduardo Bonfim, que deixaram o PMDB.

Roberto Freire, líder do PCB, com três constituintes, reagiu, com sarcasmo: "Os três do partidão fo-

ram eleitos vestindo a camisa do PCB. Não fomos eleitos por outras legendas". Aldo Arantes não gostou da crítica do líder do PCB, mas acabou recuando da proposta.

O deputado Roberto Cardoso Alves (PS), um dos líderes do grupo moderado do PMDB, anunciou que fará um levantamento, no seu partido, dos moderados e não-xiitas. Ele disse a outro moderado, Expedito Machado (CE), que, numa primeira avaliação, o grupo atingiria de 140 a 150 deputados, pelo menos, no total de 256.

"Vamos precisar nos unir" — disse Cardoso Alves. E Machado concordou: "É claro. E não vai demorar muito".